



Guia de Observação de Aves

“tudo o que precisa de saber para se iniciar na observação de aves”

José Paulo Carvalho Pereira

www.azibo.org

Introdução

O crescente interesse na observação de aves, e as inúmeras questões levantadas, quer pessoalmente, quer através de e-mail nos últimos tempos, foram a motivação para a elaboração desta sebenta. Longe de ser uma obra completa e acabada, é sómente, um guia de iniciação, que se pretende que seja útil, ao principiante nesta actividade de contemplação da natureza.

Setembro de 2006

José Paulo Carvalho Pereira

1. O Equipamento

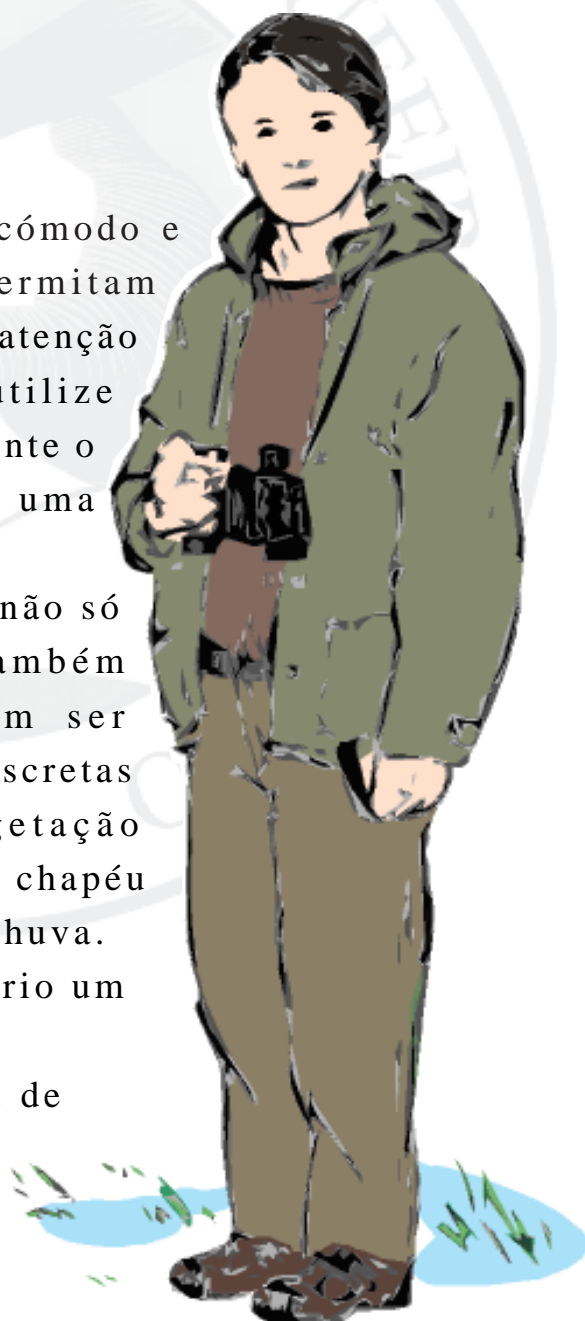
A observação de aves é uma actividade que requer muito pouco investimento, a não ser que deseje fazer da ornitologia a sua profissão. O material básico para a iniciação amadora nesta actividade, é perfeitamente acessível a qualquer bolsa.

1.1. O Vestuário

Utilize roupas com que se sinta cómodo e leve, e que simultaneamente lhe permitam liberdade de movimentos. Deve ter em atenção a época do ano, e de preferência utilize roupas resistentes à água, principalmente o calçado, que deve também permitir uma boa aderência ao terreno.

As cores berrantes e muito vivas não só denunciam a sua presença como também assustam as aves pelo que devem ser evitadas. Utilize vestuário de cores discretas que se confundam com a vegetação circundante. Leve sempre consigo um chapéu que o proteja do sol, do frio, ou da chuva.

Poderá eventualmente ser necessário um pequeno saco, ou mochila, para levar consigo o Caderno de Campo, o Guia de Aves, a merenda, uma garrafa de água, e porque não o protector solar.



1.2. Auxiliares Ópticos

Existem dois tipos de auxiliares ópticos para a observação de aves: o binóculo e o telescópio.

O Binóculo

O binóculo é o grande auxiliar do observador de aves, pois permite aumentar o seu alcance visual, fundamental para a identificação das espécies. É portanto essencial conhecer as características mais importantes de um binóculo, antes de o adquirirmos. Existem à venda modelos muito parecidos com grande diferença de preço, por exemplo, um binóculo de 50 euros pode ter um aspecto exterior parecido com um de 250 euros ou mais. A diferença estará na qualidade óptica de lentes e prismas, nos tratamentos anti-reflexo, robustez mecânica, revestimentos, etc. São de evitar binóculos sem marca, ou de marca desconhecida, ou sem referência ao seu grau de ampliação e luminosidade. Preços extremos, tanto muito baratos porque inevitavelmente a qualidade será baixa, como muito caros porque aí a diferença de preço é mais alta que o respectivo ganho de qualidade, são também de evitar.

As principais características de um binóculo são: o seu grau de ampliação, e a sua luminosidade. Estas características vêm assinaladas no binóculo sob a forma aritmética de, por exemplo, 10X50, 8X30, 7X32 ...

O primeiro número representa grau de ampliação. No primeiro caso, 10X50 o grau de ampliação é de 10 vezes, no segundo 8X30, o grau de ampliação é de 8 vezes, e no terceiro 7X32, de 7 vezes.

Para um binóculo que se segura na mão recomenda-se graus ampliação entre 7 a 15 vezes já que quanto maior for o grau de ampliação, mais pesado é o binóculo, o que gera tremuras nas mãos, que por sua vez faz tremer a imagem, tornando a observação extremamente desconfortável. Do mesmo modo quanto maior for o grau de ampliação mais estreito se torna o campo visual, o que torna difícil localizar da ave através do binóculo.

O segundo número (10X50, 8X30, 7X32) designa o diâmetro da objectiva em milímetros. Quanto maior for o diâmetro da objectiva mais luminosa é a objectiva, e conseqüentemente maior nitidez e pormenor são possíveis de obter.

Tipos de Binóculo

Em cada um dos dois tubos de um binóculo, a luz entra pela objectiva e vai até à ocular passando por um sistema de prismas. Os dois sistemas mais habituais são os de prismas tipo “Porro” e os de “Tecto”, originando dois tipos de binóculos.

Binóculo de Prismas de Tecto

No binóculo de prismas de tecto, também conhecido como binóculo de prismas paralelos, a ocular e a objectiva estão no mesmo alinhamento. A sua construção é compacta, tem boa luminosidade, e são facilmente manipulados. Este tipo de binóculo é geralmente mais caro que o de prisma de Porro.



Binóculo de Prismas de Porro

Este tipo de binóculo caracteriza-se por a ocular e a objectiva não estarem alinhados no mesmo eixo, existindo um desvio nos tubos do binóculo, o que se reflecte visualmente no seu design. Este tipo de construção permite mais opções



de graus de ampliação e diâmetros de objectivas. São geralmente mais pesados que o binóculo de prismas de tecto.

O Telescópio

O telescópio possibilita um grau de ampliação entre as 20 e as 60 vezes, com uma iluminação e um detalhe apreciáveis. Requer a utilização de tripé. Não substitui o binóculo nem permite de modo eficaz a observação de aves em voo. O seu elevado preço, na ordem dos milhares de euros, e dificuldade de “manobralidade” operacional e manuseamento em campo, não são a escolha certa para a iniciação na observação de aves.



Como Utilizar e Ajustar o Binóculo

1. Observe o binóculo e localize o Anel de Focagem (1) e o Anel de Ajuste de Dioptrias (2), localizado na ocular. Observe a figura.
2. Coloque o binóculo em posição frontal e encoste-os aos olhos, e verifique se vê só uma imagem. Se assim não acontecer, pressione lentamente os tubos do binóculo, lateralmente um contra o outro até ver uma só imagem circular.



3. Feche o olho direito, e observe um objecto através do binóculo só com o olho esquerdo, que se encontre a mais de 10 metros. Rode o Anel de Focagem (1) até que veja o objecto com total nitidez.
4. Feche agora o olho esquerdo e abra o olho direito, observando através do binóculo, o referido objecto, só com o olho direito. Rode o Anel de Ajuste de Dioptrias (2), localizado na ocular, até que veja o objecto com total nitidez.
5. Fixe a posição em que se encontra o Anel de Ajuste de Dioptrias (2), para que em caso de ele se mover, o possa colocar novamente nessa posição sem ter de repetir todo este processo desde o início.

O sistema de lentes do binóculo corrige problemas como o da miopia, mas não o estigmatismo, pelo que se utiliza óculos para corrigir este problema, deverá utilizar também os óculos quando observa através do binóculo.

1.3. O Guia de Campo

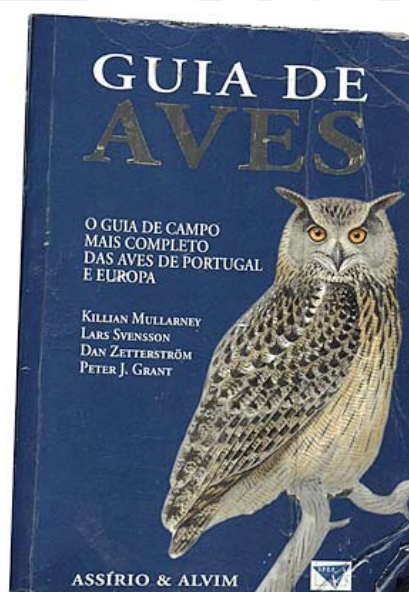
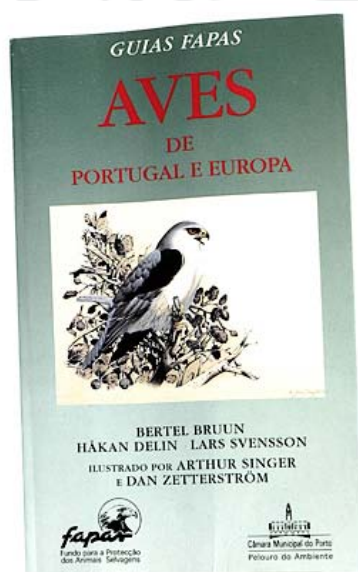
É através das consultas ao guia de campo que identificamos a espécie de ave que estamos a observar. É um auxiliar indispensável do qual nos devemos fazer sempre acompanhar.

O guia de campo é uma espécie de livro de bolso de carácter enciclopédico e de fácil consulta. Apresenta ilustrações das aves (os guias com fotografias não são aconselháveis) com os principais tipos de plumagem, com a indicação se a ave é adulta, imatura, juvenil, macho ou fêmea, e se possui plumagem de Inverno ou de Verão. A cada espécie é dedicada um texto explicativo relacionado com a sua identificação, características do seu habitat, e mapas de distribuição nas diferentes épocas do ano.

Para a região do Paleártico Ocidental, região na qual se inclui Portugal, a Europa Ocidental e ainda o Norte de África. Existem em língua portuguesa dois guias:

“Guia de Aves” da Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves, da Assírio e Alvim.

“Aves de Portugal e Europa” editada pela FAPAS, e publicada pela Câmara Municipal do Porto, ISBN 972-95951-0-0.



1.4. O Caderno de Campo

Todos os observadores de aves levam consigo um pequeno caderno para tirar notas e registrar as suas observações. Não devemos confiar na nossa memória, pois passado algum tempo, será de todo impossível recordar com exectidão de todos os pormenores observados. De um modo geral o ornitólogo, observa, examina e anota.

Durante a observação de campo, é essencial registrar no caderno de campo, todos os aspectos relevantes (ex: detalhes de identificação, comportamentos, desenhos e esboços da ave, local, data, hora, habitat, etc.) para posterior comparação ou mesmo confirmação da observação em literatura especializada.

Assim sendo o caderno de campo deve ser o suficientemente pequeno para ser transportado num bolso de casaco, sempre acompanhado de um lápis.



2. Normas de Comportamento

Normas de comportamento aconselhadas pela Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves:

- O Bem Estar das Aves

Dever-se-á obedecer ao princípio básico de que nenhuma ave deve ser perturbada. A visita a locais onde existem ninhos e crias deve ser evitada, uma vez que pode atrair curiosos cuja presença poderá provocar o fracasso da reprodução.

- Deixar Sempre Uma Boa Imagem da Actividade

Todos os que gostam de observar aves, devem dar uma imagem responsável e coerente da sua actuação.

- Contribuir e Zelar pela Protecção e Conservação dos Habitats

Para uma ave o seu habitat é vital, pelo que se deve procurar assegurar não causar nenhum dano ao meio envolvente.

- Evitar Alterar o Comportamento das Aves no seu Meio

A tolerância das aves à presença humana depende da espécie e da época do ano. É aconselhável e seguro fazer o possível para que a presença do observador seja a mais discreta possível, causando o mínimo de perturbação. Deverá manter sempre uma certa distância das aves e ninhos que observa de forma a evitar a alteração de comportamento das aves.

- Ser Cauteloso quando se Trata de Divulgar as suas Observações

Não se deve informar qualquer pessoa da descoberta de ninhos ou de observações de espécies raras ou ameaçadas. Devem ser ponderadas cuidadosamente todas as circunstâncias antes de se divulgar as informações a alguém.

Ao encontrar uma espécie supostamente rara ou ameaçada, dever-se-á comunicar a observação à Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves (<http://www.spea.pt>).

- Conhecer e Respeitar as Leis de Protecção das Aves

As leis são o suporte legal que torna possível uma efectiva conservação e protecção por parte do país. Todos aqueles que se dedicam à observação de aves devem procurar conhecer as leis, respeitá-las e não permitir que sejam esquecidas e ignoradas.

- Respeitar os Outros e ser Discreto

A existência de outros ornitólogos, pressupõe não interromper as suas actividades ou provocar a fuga das aves que são objecto de observação.

- Facilitar o Acesso de Dados quando seja de Interesse Conservacionista

É importante a divulgação da informação sobre as diferentes aves, pois os dados obtidos no campo podem contribuir e ampliar os estudos realizados ou a realizar sobre a Avifauna. Ao divulgar os dados considerados de interesse a organizações conservacionistas, deverá ser assegurada a citação da autoria dos mesmos.

- Seguir Normas Básicas de Boa Conduta

No caso de ser necessário entrar numa propriedade vedada, deverá sempre solicitar a autorização ao proprietário. Nunca deixar cancelas ou portões abertos, atravessar campos cultivados, transpor muros ou vedações.

- Prestar Auxílio às Aves Sempre que se Revelar Necessário

Antes de se tomar qualquer atitude com vista a abordar uma ave que aparenta debilidade, deve assegurar-se que ela necessita mesmo de auxílio. Na eventualidade de se tratar efectivamente debilitada ou ferida, deverá procurar alguém que possa auxiliar. A Direcção de Serviços da Natureza (Vigilantes da Natureza) e as associações de conservação da natureza devem ser entidades a ter em conta.

3. A Identificação de Aves

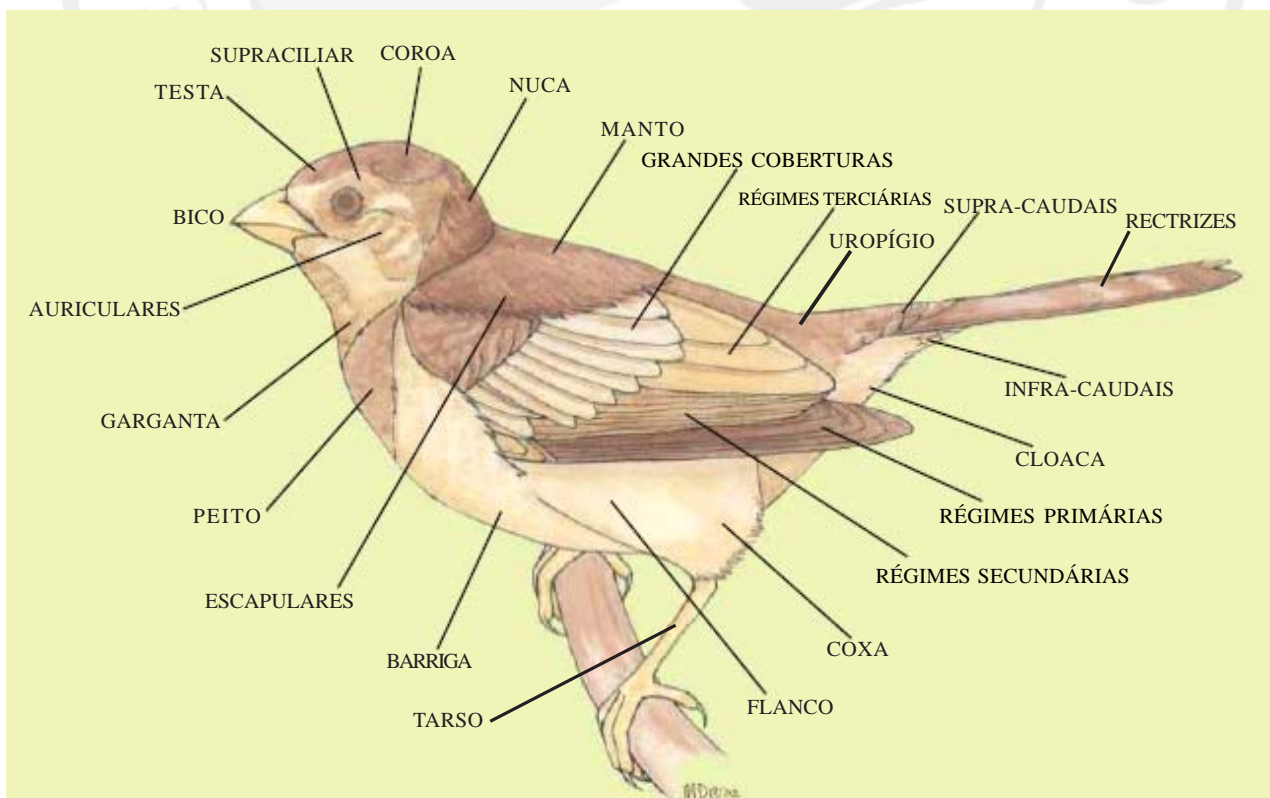
Qualquer pessoa é capaz de distinguir, sem dificuldade, um certo número de aves. No entanto no campo, e à distância a tarefa não é assim tão fácil.

Regra geral podemos seguir a seguinte ordem: habitat, comportamento, silhueta, forma e dimensão, marcas e coloração.

3.1. A Topografia das Aves

O “segredo” para a identificação reside nos pormenores em que devemos focar a nossa atenção. Para tal devemos conhecer com algum detalhe as regiões exteriores do corpo das aves.

A plumagem do corpo das aves encontra-se dividida em grupos de penas. Estas regiões, ou grupo de penas, juntamente com as patas e o bico, formam o que se designa por Topografia de uma Ave.



3.2. A Dimensão das Aves

A dimensão exacta de uma ave não é fácil de determinar, quando a observamos à distância. Contudo, todos nós estamos familiarizados com as dimensões do pardal, do pombo, da galinha. Uma relação comparativa com a dimensão destas aves que tão bem conhecemos, dá-nos uma ideia aproximada da dimensão da ave que estamos a observar.

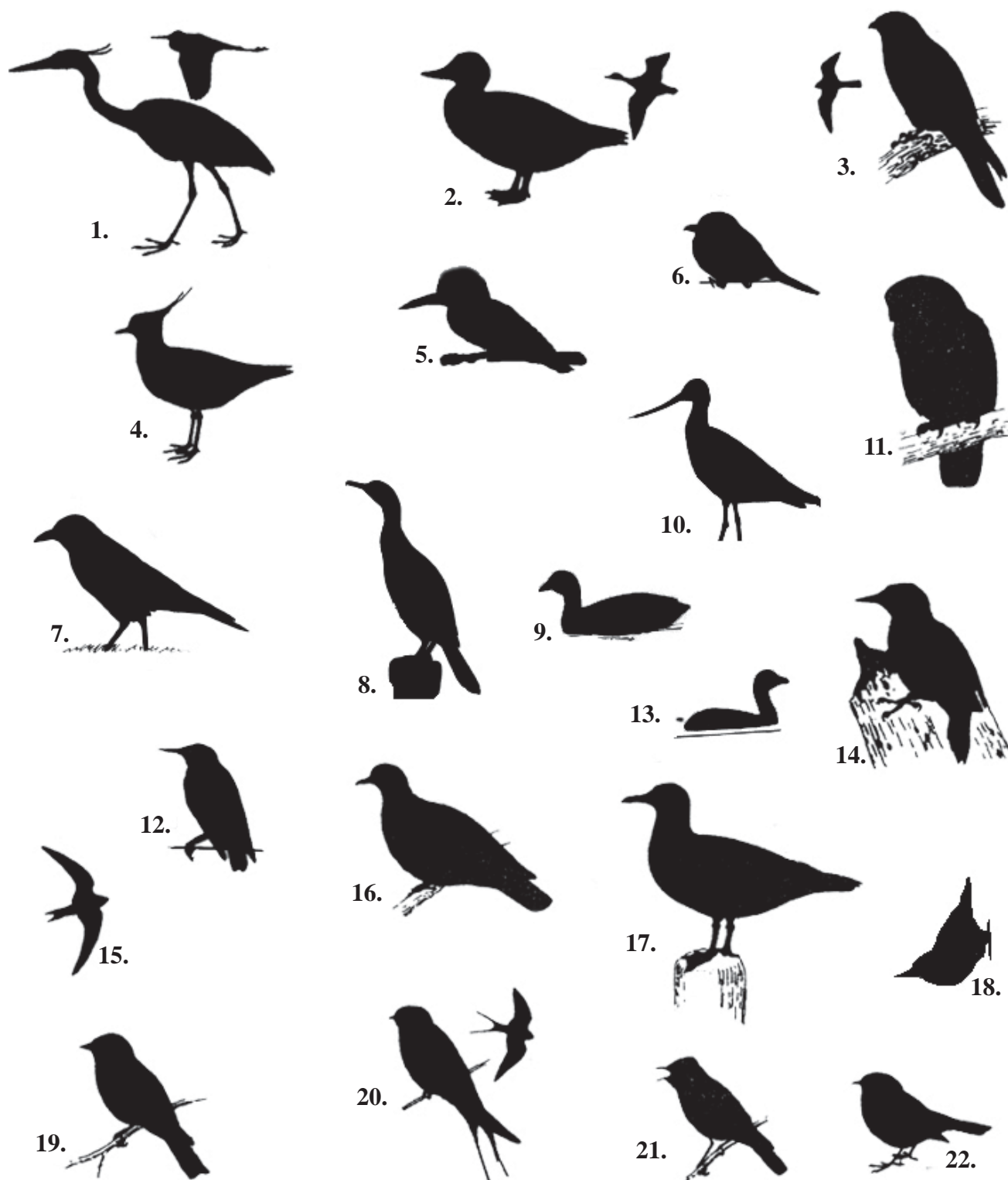
3.3. Os Factores Comportamentais

Muitas vezes, o comportamento de uma ave é, por si só, um bom indicador do grupo a que pertence a ave que estamos a observar, ou mesmo de que espécie se trata. O tipo de voo, o canto, o modo de alimentação e de locomoção, as paradas nupciais, e qualquer outro factor comportamental, devem ser tidos em conta para uma identificação objectiva e precisa.

3.4. Silhuetas, Plumagens, Bicos e Patas

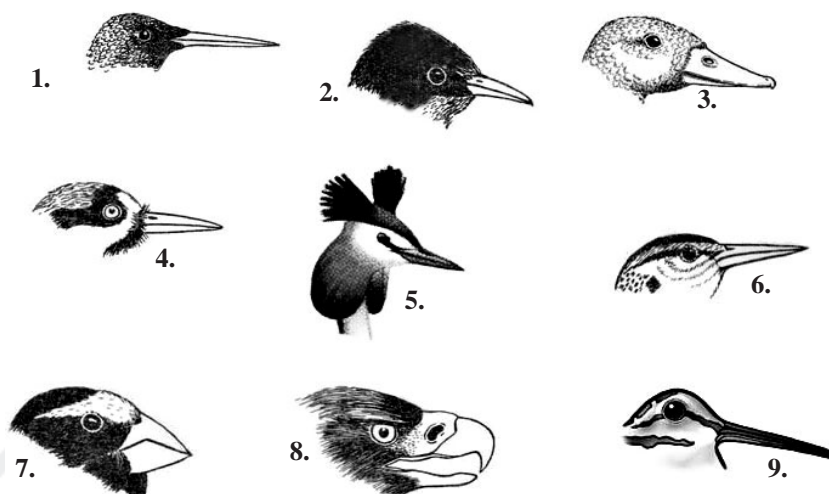
As formas e proporções das diferentes partes do corpo, a plumagem (a maioria das aves apresenta diferentes plumagens no Inverno e no Verão), o tipo de bico e de patas, as marcas alares, a sua silhueta em voo e em repouso, estão intimamente relacionadas com a forma de vida, alimentação e habitat de cada espécie, e são indicadores de identificação.

3.5. Silhuetas de Algumas Espécies de Aves



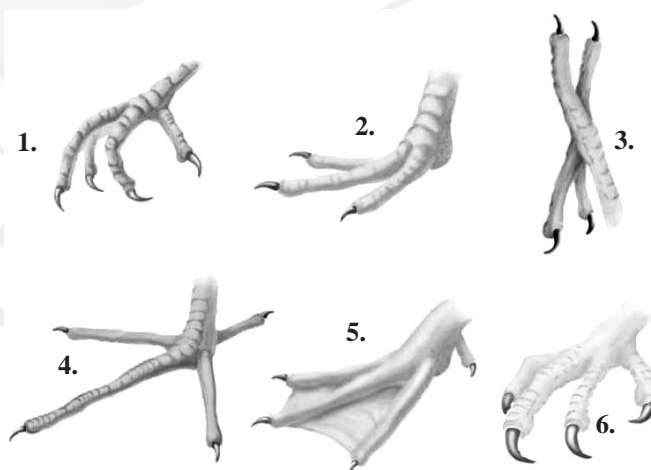
1. Garça-real; 2. Pato-real; 3. Peneireiro; 4. Abibe; 5. Guarda-rios; 6. Picanço-real; 7. Gralha;
8. Corvo-marinho; 9. Galeirão; 10. Fuselo; 11. Coruja-do-mato; 12. Estorninho; 13. Mergulhão-pequeno;
14. Pica-pau-malhado-grande; 15. Andorinhão; 16. Pombo-torcaz; 17. Gaivota; 18. Trepadeira;
19. Tentilhão; 20. Andorinha-das-chaminés; 21. Papa-moscas; 22. Pisco-de-peito-ruivo.

3.6. Tipos de Bico



1. Os Colibris possuem um longo bico cilíndrico, em tudo idêntico a uma palhinha, que lhes permite extrair o néctar das flores; 2. O Papa-moscas possui um bico rodeado por uma rede de pelos que permite direccionar os insectos para o seu interior em pleno voo; 3. O bico dos Patos possui um rebordo que lhes permite “sugar” plantas, sementes e pequenos animais da água e da lama; 4. Os Pica-paus possuem um bico forte e longo em forma de cinzel que lhes permite fazer buracos em troncos de árvores; 5. Os Mergulhões possuem um bico longo e afiado, ideal para a captura de peixe; 6. Os Estorninhos utilizam o seu bico afiado para capturar insectos no solo; 7. O bico forte, grosso em forma de cone, característico dos granívoros, é ideal para quebrar e abrir as cascas que envolvem as sementes; 8. O bico forte e curvo das Rapinas é ideal para rasgar a carne das suas presas; 9. O longo bico curvo das Narcejas permite-lhes capturar os animais enterrados na lama e na água.

3.7. Tipos de Patas



1. Os passeriformes possuem dedos independentes e flexíveis, sendo que um deles se encontra virado para trás, ideal para se agarrar aos ramos das árvores; 2. As aves não voadoras como a avestruz tem as suas patas adaptadas para a corrida; 3. Os Pica-paus têm patas com dois dedos virados para a frente e dois dedos virados para trás, ideais para trepar aos troncos das árvores; 4. As patas das Garças com longos dedos permitem a distribuição do seu peso por uma maior superfície, o que possibilita que estas se desloquem em solos lamacentos sem se enterrarem; 5. As aves nadadoras, tais como Patos e Mergulhões, têm os seus dedos ligados por uma membrana interdigital, o que lhes permite locomoverem-se melhor na água, do que no solo; 6. As garras fortes e poderosas de Águias, Falcões, Corujas e Mochos, são utilizadas para capturar, matar e transportar as suas presas.

4. A Migração das Aves

O fenómeno da migração das aves, é um dos fenómenos mais fascinantes e simultaneamente menos compreendidos da natureza. Há 4.000 anos os egípcios, registaram pela primeira vez, este fenómeno nas suas pinturas murais. O filósofo grego Aristóteles (séc.III a.c.) estava convencido que as andorinhas hibernavam na lama, e que em Outubro os Rabirruivos se transformavam em Píscos. Hoje em dia, com o auxílio das tecnologias disponíveis sobretudo o radar e os registos dos postos de anilhagem, sabemos que não é assim. No entanto, à medida que a ciência faz novas descobertas, mais e mais questões se levantam, para as quais poderá nunca haver resposta satisfatória. Pensa-se que na Europa as migrações surgiram no fim da última época glacial, quando vastas áreas de gelos se fundiram, pondo a descoberto novos habitats capazes de proporcionar alimento às aves nidificantes. Apesar de serem relativamente frágeis e vulneráveis, numerosas espécies de aves continuam a fazer todos os anos longas viagens, voando horas e mesmo dias consecutivos sem parar. A Gaivina Ártica (*Sterna paradisea*) é a campeã de todas as migradoras. Esta espécie percorre cerca de 18 mil km desde a sua área de nidificação no Ártico até à zona de invernada no Antártico, para alguns meses depois fazer todo o caminho de volta, percorrendo num ano cerca de 36 mil km.

Parece evidente que um dos factores relacionados com a migração das aves, é o da abundância ou escassez de alimento. Em muitas regiões do globo, a sua alimentação escasseia durante certas épocas do ano. A maioria das aves morreria se permanecesse nestes locais. É a situação verificada nas regiões com invernos muito rigorosos. Durante esta época, as aves migram para regiões mais amenas com maior abundância alimentar, retornando na Primavera quando, o clima e os recursos alimentares lhes são de novo favoráveis. Por sua vez, as espécies não migradoras são espécies capazes de sobreviver com os recursos alimentares disponíveis nesta época. Com a descida acentuada das temperaturas no Inverno, os insectos escasseiam; é por esta razão que a maioria das aves insectívoras migram.

A migração é uma deslocação regular entre habitats, e não deve ser confundida com divagações, deslocações ocasionais e movimentos dispersivos. A migração é um fenómeno intencional e voluntário, uma viagem de certa envergadura e duração. Tem carácter periódico, dado tratar-se de uma viagem de ida e volta que se repete de forma sazonal e implica locais geográficos bem definidos. O movimento migratório envolve toda a população de uma espécie, e não só uns tantos indivíduos. Os lugares de origem e destino são antagónicos do ponto de vista ecológico.

A vida de uma espécie obrigada a deslocar-se sazonalmente está dividida em quatro períodos, dois sedentários e outros dois dinâmicos, em trânsito entre habitats, que se sucedem alternadamente. Durante a Primavera o indivíduo está ligado à área de criação, onde encontra condições ideais para se reproduzir. Nos finais do Verão inicia a chamada “migração pós-nupcial”, que o conduz à área onde passará o Inverno. Neste lugar permanece para mal se anuncie a aproximação da Primavera empreender a viagem de regresso. É o que se chama a “migração pré-nupcial”.

Os factores que, num dado momento, desencadeiam a migração das aves, não são de fácil explicação. Muitas das espécies das aves do hemisfério norte começam a sua migração em direcção ao sul, quando ainda existem recursos alimentares mais do que suficientes para a sua sobrevivência. Estas aves não têm maneira de saber que passado algumas semanas a temperatura vai descer e que o alimento vai escassear. O momento do início da migração é provavelmente regulado pelo seu sistema glândular. As glândulas produzem substâncias químicas, as hormonas. Está-se em crer que são as variações na produção das hormonas que estimulam a migração das aves. À medida que os dias se tornam mais pequenos, surgem variações na produção de hormonas. Como consequência as aves começam a preparar o seu vôo migratório. Contudo esta variação hormonal não explica por exemplo, porque é que diferentes espécies localizadas na mesma região começam a sua migração antes de outras, ou ainda, porque é que aves da mesma espécie não começam a sua migração ao mesmo tempo. Assim o início da época da migração não parece depender exclusivamente da duração dos dias, mas também de outros factores como do factor climatérico e da quantidade de alimento disponível.

Na região Paleártica, que inclui a Europa e a metade setentrional de África, as vias migratórias entre as áreas de criação e os locais tropicais onde passam o Inverno encontram-se obstaculizadas pela presença de mares, desertos e cordilheiras

que ocorrem em sentido perpendicular aos das deslocações. Enquanto as aves seguem um rumo norte-sul e vice-versa, os Alpes, os Pirinéus, o sistema central da Península Ibérica, o mar Mediterrâneo, a cordilheira do Atlas e o deserto do Sara são obstáculos que seguem uma trajectória leste-oeste aproximada. Se bem que muitas aves estejam aptas para atravessar o Mediterrâneo em qualquer ponto, os fluxos migratórios concentram-se nos principais estreitos: Gibraltar, Sicília, Bósforo e Península Arábica. Existem no entanto muitas aves que evitam fazer amplos percursos, e se detêm em locais favoráveis das regiões temperadas. É isso que acontece na Península Ibérica, que recebe uma importante população de aves invernantes procedentes do Norte da Europa.

As diferentes espécies possuem diferentes estratégias de empreenderem as suas viagens migratórias. Assim as migradoras podem ser nocturnas, como é o caso de muitas espécies de insectívoras, que se alimentam de dia e utilizam a noite para viajar. Exemplo disso são os tordos e as felosas, migradoras de grande distância, que nidificam nos países nórdicos e passam o inverno a sul do equador. Estas aves iniciam o seu vôo migratório pouco depois do sol-posto, utilizando as horas do dia para comer e repousar. As migradoras podem também ser diurnas, como ocorre com as grandes aves planadoras, que necessitam de se apoiar nas correntes térmicas provocadas pela insolação do solo para se deslocarem. No entanto aves de dimensões mais reduzidas como as andorinhas e os andorinhões, são também migradoras diurnas, com a particularidade de serem capazes de se alimentarem em pleno vôo.

As diferentes espécies divergem também no modo como se deslocam ao longo do seu trajecto migratório. As migrantes de frente ampla, empreendem os seus trajectos livremente, ultrapassando deste modo, os obstáculos que lhes surgem pelo caminho. A este grupo pertencem os passeriformes, e a maioria das migradoras nocturnas. As migrantes de frente estreita, que constituem uma minoria, são as que tendem a concentrar-se em determinados pontos do seu percurso migratório. O exemplo clássico deste tipo de aves é a Cegonha branca (e também das grandes rapinas) que evitam as grandes massas de água, onde não se produzem as correntes térmicas de que necessitam para planar. É esta razão, que leva a que todos anos se assista a uma enorme concentração de cegonhas no Estreito de Gibraltar, que simplesmente aguardam o momento climático e a direcção do vento mais favorável, para fazer a passagem entre a Europa e a África.

Outro dos factores mais intrigantes no fenómeno da migração é o do sistema de navegação e orientação das aves. E isto porque se conhece muito pouco acerca do seu sistema sensorial. Ao que parece as aves não só utilizam o sol e as estrelas, ou o campo magnético terrestre, como referência de navegação, mas também os acidentes de terreno, os sistemas hidrológicos e montanhosos, as linhas costeiras continentais, os maciços florestais, as manchas de água, a direcção dos ventos dominantes e as massas de ar com diferentes graus de humidade e temperatura. A maior parte das pequenas migradoras não ultrapassa os 30 a 35 Km/hora, quando não há vento, embora muitas tirem partido dos ventos favoráveis. Enquanto as cegonhas mantêm facilmente velocidades de 55 Km/hora.

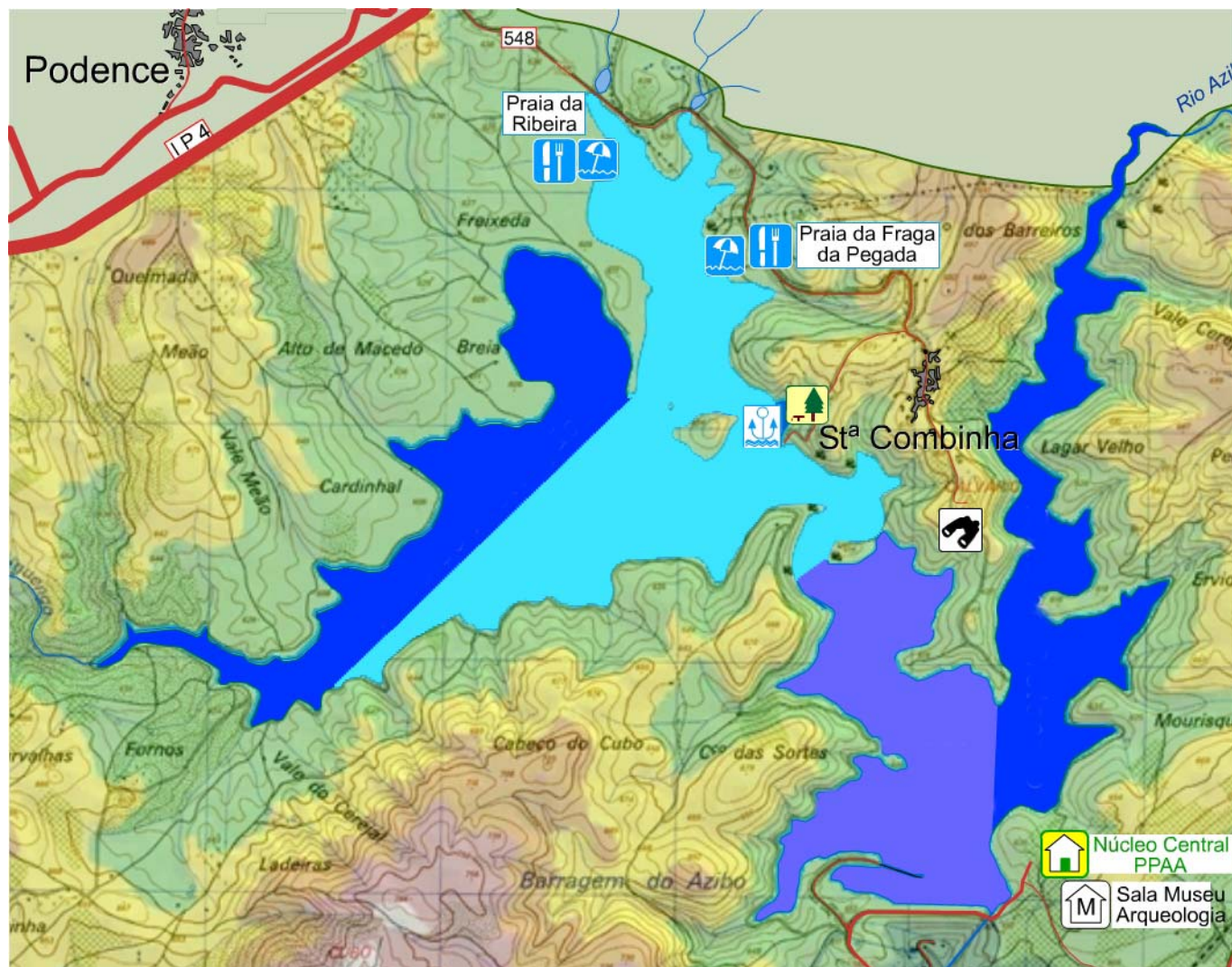
A migração contém os seus riscos e o seu preço. Evidentemente que os benefícios da migração ultrapassam os seus custos, incrementando o sucesso reprodutivo das espécies, nas zonas temperadas ricas em alimento. Uma grande percentagem de aves morre durante o período migratório. Predadores, más condições climáticas, a caça, atropelamentos e colisão com edifícios, são algumas das causas apontadas para este facto. No entanto, a causa responsável por mais mortes durante o trajecto migratório das aves, é a degradação e desaparecimento das zonas transitórias de alimentação e recuperação de energia (*stopovers*). Estes habitats, onde as aves param em média 1 a 5 dias para recuperar energia, e restabelecer as suas reservas de gordura, são essenciais para o sucesso migratório.

A Paisagem Protegida da Albufeira do Azibo, quer pela sua situação geográfica, quer pelas suas características ecológicas, desempenha um importante papel não só, como habitat residencial de algumas espécies, mas também como habitat temporário das espécies em trânsito. A pureza das suas águas, férteis em peixe, assim como a vegetação envolvente, proporcionam o habitat temporário ideal, para as aves em deslocação migratória na região.

Anexos



Zonas de Recreio e Protecção da Paisagem Protegida da Albufeira do Azibo



 Zonas de Protecção

 Zona de Recreio

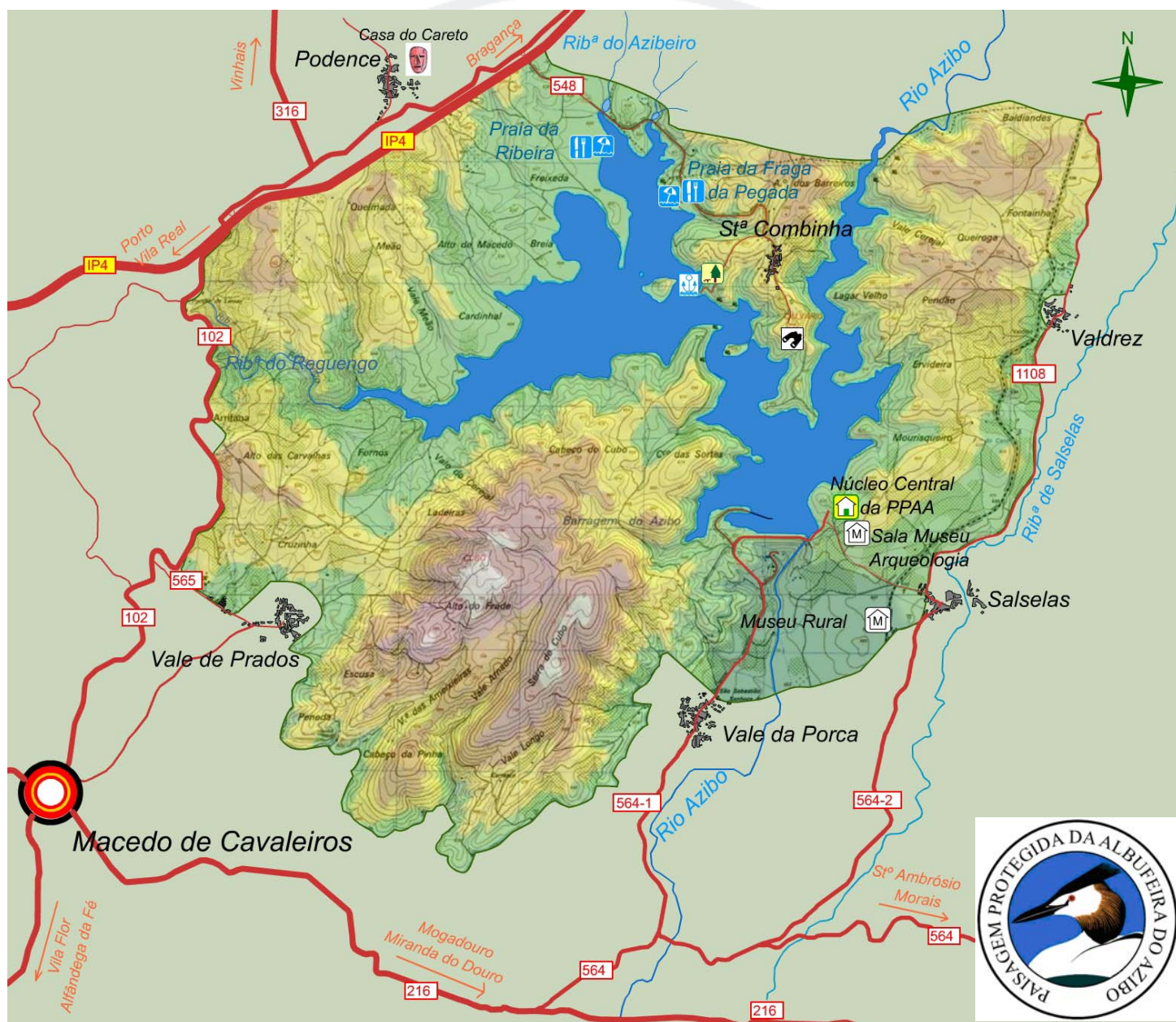
 Acesso Condicionado

 	   	<h3>Zonas de Protecção</h3>
 	   	

Zona de Recreio



Mapa de Acessos à Paisagem Protegida da Albufeira do Azibo



BIBLIOGRAFIA

- COSTA, L. T. & R. RUFINO (1994). Contagens de Aves Aquáticas em Portugal- Janeiro 1994. AIRO 5
- COSTA, L. T. & R. RUFINO (1996). Contagens de Aves Aquáticas em Portugal- Janeiro 1995. AIRO 7
- Elias, G. L.; L.M. Reino; T. Silva; R. Tomé & P. Geraldès (coords.). 1999. Atlas das Aves Invernantes do Baixo Alentejo. Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves. Lisboa.
- Farinha, J.C. & H. Costa. 1999. Aves Aquáticas de Portugal. Guia de Campo. ICN. Lisboa.
- FARINHA, J. C.; L. COSTA & E. SILVA (1997). RAMSAR. Convenção sobre Zonas Húmidas de Importância Internacional, especialmente como Habitat de Aves Aquáticas. Instituto da Conservação da Natureza
- Hagemeijer, E.J.M. & M.J. Blair. 1997. The EBCC Atlas of European Breeding Birds: Their Distribution and Abundance. T & AD Poyser. London.
- Pimenta, M. & M. L. Santarém. 1996. Atlas das Aves do Parque Nacional da Peneda-Gerês. ICN/PNPG.
- Rufino, R. (coord.) 1989. Atlas das Aves que nidificam em Portugal Continental. SNPRCN. Lisboa.
- SNPRCN. 1990. Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal. Vol I - Mamíferos, Aves, Répteis e Anfíbios. Secretaria de Estado do Ambiente e do Consumidor. Lisboa.
- Silva, L. 1998. Atlas das Aves da Reserva Natural da Serra da Malcata. ICN/RNSM.